

JUDITH BACCI: A mãe preta das artes

ALLAN GUSTAVO DA SILVA¹; NADIA DA CRUZ SENNA²

¹Acadêmico de Artes Visuais Licenciatura, Centro de Artes, UFPel. Bolsista UFPel –
allan.gustavo_silva@hotmail.com

²Profa. Associada Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Brasil –
alecrins@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a pesquisa e o processo de construção do livro ilustrado sobre a artista pelotense Judith Bacci, que integra o projeto: “As artistas do sul: experiências lúdicas e educativas”, coordenado pela professora Nádia da Cruz Senna. A pesquisa tem como foco as artistas mulheres da região Sul do Brasil, buscando visibilizar obras, trajetórias e processos criativos, através de livros ilustrados e práticas educativas, voltadas ao público infantojuvenil. O grupo pesquisou e desenvolveu livros e materiais didáticos sobre as artistas: Maria Lídia Magliani, Seli Maurício, Arlinda Nunes e Inah Costa.

A produção atual, que está em processo de finalização, aborda a vida e a obra da escultora pelotense, Judith Bacci. A artista acompanhou o desenvolvimento e criação da Escola de Belas Artes (EBA) e sua integração à Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Autodidata, Judith iniciou como faxineira na EBA; e seu interesse pelas aulas de escultura ministradas pelo artista Antônio Caringi, a levaram a experimentar e conhecer as técnicas de modelagem. O domínio dos cânones acadêmicos lhe rendeu reconhecimento artístico e muitas encomendas de bustos de figuras políticas e celebridades. Também, se destacam na sua produção artística as figuras religiosas, que perpassavam o catolicismo, o umbandismo e a cultura oriental. Com a transformação da escola em Instituto de Artes da UFPel, Judith Bacci foi promovida a laboratorista junto aos ateliês de escultura e cerâmica. Sua história constitui um marco de resistência, como mulher, negra, artista. Sua obra expressa uma liberdade religiosa, que é símbolo de tolerância:

[...]sendo assim, também podemos considerar obras religiosas como reflexo do pensamento de uma sociedade. As obras Iemanjá, Carranca de Exu, Mãe Josefina, Vó Isaura, Baiana das Sete Miçangas I e II, Máscara Egípcia I e II, Máscara Chinesa Feminina e Máscara Chinesa Masculina compõem a seleção de obras umbandistas realizadas por Judith Bacci e são um registro das diferentes práticas religiosas que existem na cidade de Pelotas-RS. Elas podem servir como documento significativo em relação à questão da tolerância religiosa. Ou, também, como testemunho de o quanto essa religiosidade se modificou e se atualizou, visto as diferentes representações para as entidades esculpidas. (PEREIRA, 2019 p. 14).

2. METODOLOGIA

A metodologia é própria das pesquisas baseadas na arte, pela ênfase nos processos criativos das artistas, que são revisitados para subsidiarem a produção gráfica, artística e pedagógica desenvolvida. Também realizamos coletas de dados por meio de estudos bibliográficos e documentais, entrevistas, consulta aos acervos públicos e privados. A partir desses dados que ajudam a contextualizar e definir a linha editorial, se inicia o processo de construção do livro, propriamente dito, que envolve diferentes etapas: elaboração de roteiros, *storyboard*, *design* das personagens, ilustrações, capa, confecção do protótipo, aplicação e avaliação. Com o protótipo em fase final, começamos a projetar oficinas de arte, baseadas na poética da artista, com turmas escolares ou em espaços informais. Devido ao isolamento social obrigatório causado em decorrência da Covid 19, pensou-se em propostas a serem aplicadas de maneira remota. Tal proposta, presencial ou à distância servirá para testar na prática o material produzido, analisando o entendimento e aceitação do objeto. Com as primeiras testagens podemos retomar o projeto a fim de buscar melhorias ou soluções para o livro, bem como para as abordagens pedagógicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em mãos os dados bibliográficos e os registros das obras produzidas pela artista, encontrados em recortes de jornais, fotografias, entrevistas, artigos e monografias, construiu-se um texto inicial, que definiu a linha adotada para o desenvolvimento do livro ilustrado. As atividades foram divididas entre os integrantes do grupo, e realizadas a distância, devido a pandemia. Contudo, foram muitos encontros via web para discutir, reelaborar e fazer avançar o projeto. Para manter a mesma qualidade dos anteriores, e, para que o livro trouxesse a dimensão da contribuição da artista para a arte e cultura. A sequência de imagens a seguir mostram parte desse processo de construção e desenvolvimento do objeto.



Imagem 1 – *Storyboard* do livro. Esboço inicial.



Imagem 2 – Design e estilização dos personagens

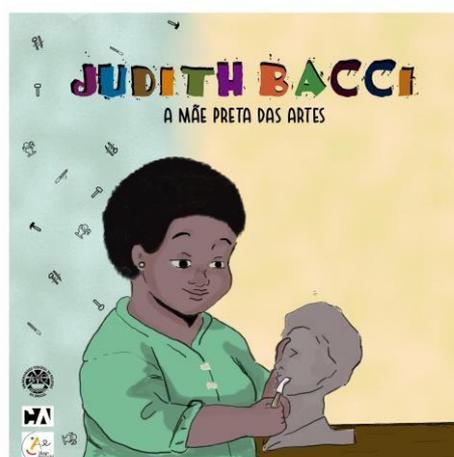


Imagem 3 – Capa

Com o livro faltando apenas detalhes finais, começamos a discutir a abordagem pedagógica que entregaríamos junto ao material. Decidimos realizar uma oficina e uma vídeo-oficina (que está sendo executada) onde falamos sobre a artista e seus trabalhos voltados à umbanda; religião de matriz afro-brasileira, tão presente em nossa cultura, mas ainda, muito silenciada.

De forma a cumprir com a lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" nas escolas, pensamos em desenvolver com os alunos peças em argila inspiradas nos orixás da cultura afro, assim como Judith Bacci as fazia. A imagem abaixo mostra essa produção em processo.



Imagem 4 - Realização da peça, em vídeo.

4. CONCLUSÕES

Construir esse trabalho em modo remoto implicou em contornar uma série de dificuldades, que exigiu outros aprendizados e, inclusive, nos fez pensar na possibilidade de acesso irrestrito que devemos proporcionar para os resultados alcançados. Realizamos outros vídeos com os processos educativos voltados para as artistas estudadas, como possibilidades de oficinas a serem desenvolvidas à distância. A construção do livro está chegando ao fim, e junto a isso nosso anseio de que mais artistas sejam reconhecidas como parte da cultura de Pelotas e da região sul do país, em todos os espaços educativos.

O livro sobre Judith Bacci buscou mostrar através de uma narrativa gráfica, eminentemente visual, essa linda trajetória, de forma lúdica recriamos a audácia, o experimentalismo e a adaptabilidade aos temas e meios, dessa artista ímpar.

Estar junto com o grupo de pesquisa representou uma qualificação que vai além do conhecimento sobre arte e design, foi oportunidade para experimentar construir no coletivo, estabelecer trocas e contribuir para o reconhecimento da nossa história, entendermos de quem somos herdeiros. As histórias não podem se perder, esse é o propósito que nos anima: manter viva as trajetórias dessas mulheres artistas que fizeram tanto para a construção cultural do nosso país.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 05/08/2021.

PEREIRA, Leticia Alves. **A identidade representada, da espiritualidade à materialidade (Pelotas-RS): a arte umbandista de Judith Bacci**. 2018. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. **Nos descaminhos do imaginário: a tradição acadêmica nas artes plásticas de Pelotas**. 1996. Dissertação – Curso de Pós Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

SANTO, Anaizi Cruz Espírito; DINIZ, Carmem Regina Bauer; MAGALHÃES, Clarice Rego (org.). **A Escola de Belas Artes de Pelotas – Memória e História**. Pelotas: Ed. UFPEL, 2014.